



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTs DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTs DE GRADUAÇÃO

Lisa, Ponyo e Yubaba: Três Representações de Hayao Miyazaki que Contestam a Construção da Memória Feminina Japonesa.¹

Lilia Nogueira Calcagno Horta²

Mestre em Comunicação e Práticas do Consumo pela ESPM

Resumo

As narrativas fílmicas do diretor de animação japonês Hayao Miyazaki, expõem algumas questões que envolvem a vida em sociedade, principalmente por meio das suas personagens femininas. Desta maneira, este artigo tem como objetivo identificar a composição de três representações femininas do diretor e verificar como se dá o seu caráter transgressor. Para tal, primeiramente será feito um percurso teórico em torno da construção da memória em torno do papel mulheres japonesas e após, a análise das personagens. Espera-se demonstrar que a construção das personagens subverte estereótipos, trazendo consigo um pensamento crítico referente aos papéis sociais femininos.

Palavras-chave: Memória; Mulheres; Hayao Miyazaki; Transgressão

Introdução

Hayao Miyazaki, animador nipônico nascido em 1941, Tôquio, Japão, fundador do estúdio Ghibli, é conhecido pela construção de personagens femininas memoráveis (HORTA, 2017), mulheres independentes, que se arriscam, sempre prontas para mudar e crescer, com compaixão, lutam para conseguir aquilo que acreditam.

Diferentemente de outras produções culturais, tais como shojo onde mulheres são caracterizadas por sua feminilidade, muitas vezes vistas como passivas ou sonhadoras (NAPIER, 2001), o diretor causa um contraste ao representar mulheres ativas, fortes e corajosas que são características geralmente reservadas aos personagens masculinos.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO, CONSUMO, MEMÓRIA: cenas culturais e midiáticas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² HORTA, Lilia. Mestre e pesquisadora com estudos são voltados para a obra de Hayao Miyazaki, com enfoque nas representações femininas no campo da comunicação e do consumo. lilia@liliahorta.com.br



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A nação japonesa construiu uma memória em torno das mulheres inserindo-as em um círculo familiar, caracterizando-as como submissas, frágeis, com vocação somente para o lar. A maioria das produções culturais, tais como o exemplo citado acima, também reforça essa visão considerada normativa, vigente na sociedade e os influxos contrários que irrompem, com tal posicionamento, são suprimidos, desconstruídos pela mídia e logo perdem sua popularidade. Mesmo assim, o diretor, de acordo com ODELL e LE BLANC (2015) é constantemente premiado e reconhecido por suas obras, chagando a ganhar o prêmio Oscar de melhor animação no ano de 2004.

Miyazaki, ao compilar suas personagens banhando-se nas mais variadas fontes e textos culturais, distanciando-se das representações femininas puramente tradicionais, consegue dar voz a uma minoria esquecida. Subverte o papel esperado de uma mulher e também suas formas de representação, chegando a criar uma memória própria que retrata diversos tipos de mulheres.

Nesse sentido, esse artigo tem como objetivo demonstrar através da escolha de três personagens das obras de Hayao Miyazaki – Lisa e Ponyo de *Ponyo: Uma Amizade que Veio do Mar* (2006), e Yubaba de *A viagem de Chihiro* (2001)-, o potencial transgressor de suas representações femininas, que contestam através da maneira na qual foram compiladas uma memória feminina submissa na história do Japão formulada ao longo dos anos. Primeiramente, retomaremos o contexto histórico construído em torno das mulheres japonesas, para isso, utilizaremos os pensamentos dos autores Hane, Greiner, Le Goff e outros. No que tange a análise das personagens em comparação a essa memória nipônica, nos debruçaremos sobre os estudos de autores como Sato, Santos, Sasaki, Teixeira Neri e outros.

Construção de uma memória submissa

Para entendermos como é construída a história ao longo do tempo e como os fatos são recordados, é necessário primeiramente conhecermos a memória. Segundo Jacques Le Goff (1990), historiador francês, a memória é considerada uma peça-chave para acessar a historicidade de um povo, pois ela é uma ferramenta que armazena o passado e auxilia a moldar o presente e o futuro. Para ele, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 476, grifo do autor)



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Em consonância com esse pensamento, Halbwachs (1990), discorre que as memórias coletivas são reminiscências do passado em grupo, constantemente retomadas no presente e devem ser estudadas em sua totalidade, ou seja, tendo em mente que as lembranças dos mais variados tipos de indivíduos servem para recordar um evento e compor a memória de um povo. As lembranças são construídas mediante convívio social e a percepção e memórias alheias auxiliam na recomposição dos acontecimentos recorridos em um tempo anterior.

Porém, como discorre Le Goff (LE GOFF, 1990, p. 476), a memória não apenas recupera lembranças, mas, também pode servir como ferramenta influenciadora, assim como ocorreu na nação japonesa que imputou a condição de submissão feminina ao longo do tempo, utilizando da anamnese como um objeto de poder:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

A sociedade nipônica é conhecida pelo seu histórico de desigualdade de gênero. Conforme os estudos de Mikiso Hane (1988), historiador americano descendente de japoneses, séculos de domínio feudal pela classe guerreira fixou o papel da mulher em um círculo familiar de molde rígido, enquanto os homens gozavam do poder de decisão e de liberdade.

Sob o forte sistema patriarcal que prevaleceu no Japão pré-guerra, as mulheres eram geralmente consideradas seres inferiores, e de acordo com a lei, esposas eram tratadas como menores. Filhas praticamente não poderiam dizer nada a respeito de com quem elas iriam se casar e não tinham nenhum direito legal à propriedade da família; seus interesses foram totalmente subordinados aos dos homens.³ (HANE, 1982, p. 79, tradução nossa).

A partir o período Heian (794-1185), as mulheres já eram evidentemente consideradas inferiores aos homens. O historiador nos explica que, em parte, essas mudanças ocorreram devido ao fato da chegada das influências budistas e a filosofia confucionista provenientes da China no país. “O confucionismo chinês ensinou a doutrina de uma ordem social hierárquica, a distinção ‘superiores’ e ‘inferiores’ entre pessoas, homens e mulheres, idosos e pessoas mais jovens.”⁴ (HANE, 1988, p. 4, tradução nossa). Já o budismo pregava que a salvação não estava ao alcance das mulheres até o

³ Under the Strong patriarchal system that prevailed in prewar Japan, women were generally deemed to be inferior beings, and according to law, wives were treated like minors. Daughters had virtually no say about whom they were to marry and no legal claim to the Family property; their interests were entirely subordinated to those of the men.

⁴ Confucian China taught the doctrine of a hierarchical social order, distinguishing between “superior” and “inferior” persons, men and women, Elder and younger persons.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

período Kamakura (1185-1333), quando o crescimento de seitas populares budistas considerava possível a salvação para ambos os sexos.

Com a ascendência da classe samurai, a luta por terra e poder se intensificava; desta forma, a condição física e as habilidades marciais passaram a ser mais valorizadas que qualquer outra qualidade. Nessas condições, o lugar da mulher foi se deslocando para um plano secundário, principalmente a partir do período Tokugawa (1603-1867), também conhecido como Edo, no qual foi instaurado um regime ditatorial, onde as antigas leis foram suplantadas por um rígido sistema hierárquico.

A partir de então, a sociedade japonesa consolidou, através da memória que passou a ser escrita, com a chegada do budismo e o alfabeto chinês, o papel da mulher ligado ao círculo familiar, arquivando, agora, através de leis e códigos, a submissão aos seus maridos e superiores.

Conforme os estudos de Christine Greiner (2015), essa situação só começou minimamente a ser revertida na era Meiji (1868-1912) que foi marcada pela abertura ao Ocidente e suas novidades. Nesse período, o cinema chegara ao Japão, o que resultou em grande admiração por parte das mulheres. As garotas se viram fascinadas pelos costumes populares americanos. Segundo Sato (2003), as estrelas americanas esbanjavam brilho e energia, sem preocupação nenhuma com as tradições.

Inspiradas nas atrizes e moda estrangeira, de acordo com Greiner (2015), as *mogas* – diminutivo para *modern girls* –, usavam maquiagem pesada, cabelos curtos e vestidos *flamboyant* que deixavam as pernas à mostra. Frequentavam espaços urbanos, iam a peças de teatro, cinemas, buscando formas de entreter-se. Consumidoras vorazes, procuravam se vestir conforme as últimas tendências, deixando de lado qualquer vestimenta que pudesse esconder partes de seu corpo. Seu porte passava um ar de autoindulgência e ruptura com os laços morais.

[...] a exposição das mulheres às commodities para uso pessoal doméstico provavelmente incitou e brincou com as ansiedades das mesmas, é muito provável também que simultaneamente a esperança/oportunidade foram oferecidas como forma satisfatória de liberação do desejo por bens materiais, que anteriormente já haviam sido reprimidos.⁵ (SATO, 2003, p. 16, tradução nossa).

⁵ [...] the exposure of women to commodities for personal and household use probably incited and played on their anxieties, it also very likely offered simultaneously the hope/opportunity for a satisfactory form of release from the desire for material goods, which had previously been largely repressed.



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O desejo de adquirir uma mercadoria, ou consumir, permitiu que as mulheres pudessem, de certa forma, ter uma voz, garantindo a liberdade e independência para escolherem seus produtos e frequentar ambientes urbanos, saindo da esfera doméstica.

Apesar do início dessas mudanças discutidas acima e outras que vieram ao longo do tempo, a maioria das produções culturais japonesas ainda retratam a figura feminina de uma maneira deturpada, por vezes romantizada as mulheres, o que dialoga com o papel social construído em torno das mulheres orientais que, como visto anteriormente, identificadas como particularmente dóceis e orientadas para a família (SATO, 2003). Entretanto, em contrapartida, existem também os modelos sexualizados e vulgarizados, onde mulheres aparecem com suas partes do corpo expostas, se tornando uma espécie de objeto de desejo masculino.

Miyazaki consegue se desvencilhar desses dois modelos, ao retratar a mulher sem vulgarizá-la ou romantizá-la, dotando-as de múltiplas características, com dúvidas, ambiguidades, construindo-as de maneira tão complexa como mulheres da vida real. Além de criar representações sem clichês, que contestam o histórico nipônico feminino.

Miyazaki e a construção de uma memória transgressora

A partir dos filmes roteirizados e dirigidos pelo diretor, foram escolhidos três exemplos femininos para demonstrar o imaginário transgressor construído através de suas personagens femininas. As personagens são Ponyo e Lisa do filme *Ponyo: Uma Amizade que Veio do Mar* (2006), e Yubaba, de *A Viagem de Chihiro* (2001), respectivamente uma criança, uma adulta e uma idosa. Essa escolha permite abranger, mesmo que de maneira reduzida o leque de variedade das personagens e fases da vida retratadas por Miyazaki.

Lisa

Lisa é a mãe de Sôsuke, um garotinho de 5 anos, no filme *Ponyo: Uma Amizade que Veio do Mar* (2006). A personagem é casada, porém seu marido está quase sempre ausente e passa pouco tempo com sua família, deixando-a com a responsabilidade de criar seu filho sozinha. Além de cuidar da casa e do filho, a protagonista também trabalha integralmente em um asilo, cuidando de idosos.

O fato de Lisa trabalhar em tempo integral, o que a retiraria de uma esfera doméstica, forçando-



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

a a frequentar novos lugares, lugares urbanos, subverte a noção de que, por norma, a mulher deveria casar-se e cuidar do lar integralmente. Tal filosofia implantada pelo sistema familiar patriarcal fora consolidada na modernização japonesa, mais especificamente na era Meiji (1868-1912). De acordo com Barbara Sato (2003), esse período tinha como base ideológica a frase “boa esposa e mãe sábia” e possuía um código civil que trabalhava em favor do homem, fornecendo proteção limitada para as mulheres em arenas sociais e domésticas. Para enfatizar tal espírito que pairava sobre as mulheres nesta época, Sato (2003, p. 83, tradução nossa) cita uma frase do historiador e estudioso de mulheres William Chafe, afirmando que “o papel de mãe e dona de casa representava o único caminho para a realização feminina”

O sistema familiar do período Meiji, apesar de dissolvido, permaneceu em vigor como base de entendimento dos japoneses a respeito da família, como memória. As mudanças entre as datas 1945 e 1975, no período pós-guerra, continuaram a favorecer as esposas que trabalhavam exclusivamente em seus respectivos lares. “Segundo o sistema tributário japonês, caso a mulher possua uma renda anual de mais de 1.030.000 ienes (aproximadamente 10.000 dólares), o casal perderá a isenção de dependente e será retirado o salário família do marido.” (SANTOS, 2008, p. 55). Desta forma, o Estado corrobora para que a mulher permaneça ainda em ambiente doméstico. Outro exemplo que a autora Yumi dos Santos (2008, p. 55) fornece é:

No sistema de pensões, com o qual todos os japoneses têm obrigatoriedade de contribuir, a dona de casa que possui uma renda inferior a 1.300.000 ienes (ou aproximadamente 13.000 dólares) por ano goza de isenção, sem, por isso, perder o direito de beneficiar-se da aposentadoria, do seguro de saúde e da pensão de viuvez.

Entendemos, assim, que as leis compelem barreiras entre as mulheres e a independência econômica, já que as donas de casa são privilegiadas e em contrapartida a mulher trabalhadora deve controlar constantemente seus ganhos para que não extrapolem o teto salarial permitido, o que muitas vezes as fazem optar por conseguir um emprego somente em período parcial.

Além de ser retratada como uma trabalhadora árdua, Lisa,-desconstruindo a ideia de que as mulheres devem apenas cuidar da casa-, também não possui características que se esperam de uma mãe: prudência, serenidade, calma e doçura.

Sua personalidade é forte. No filme, ela é vista assumindo vários riscos, o diretor a retrata



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

como uma mulher muito corajosa chegando até a beirar o limite de imprudência, como por exemplo quando a personagem encontra um obstáculo no caminho do trabalho para sua casa durante uma tempestade terrível e mesmo sendo alertada para não atravessar, ela o faz, ou quando ela deixa seu filho de cinco anos sozinho em casa para resolver outros problemas.

A relação mãe-filho também demonstrada de maneira inusitada, ela é estabelecida linearmente. A personagem possui confiança plena em seu filho. Apesar de ele possuir apenas cinco anos de idade, as decisões que são tomadas por ele são acolhidas. No filme os dois acatam as decisões um do outro esperando o melhor, além da demonstração constante de afeição e carinho demonstrada de forma saudável.

Miyazaki nos mostra, com a personagem Lisa, que a mãe pode sim ser amiga de seu filho, trabalhar tempo integral, ter atitudes fortes e impulsivas consideradas imprudentes, se ela achar que isso é a decisão mais correta de se fazer na hora h.

Ponyo

Ponyo inicia o filme em forma de peixe e, no decorrer da trama, transforma-se em humana, após tomar uma poção escondida em uma sala da casa de seu pai, Fujimoto, no oceano. O motivo de se transformar em garota é devido ao fato de ter conhecido Sōsuke, um menino de 5 anos, por quem havia se apaixonado à primeira vista. Entretanto, para se tornar humana por completo, Ponyo deveria encontrar o verdadeiro amor e largar a magia para sempre; caso contrário, se esse amor não fosse verdadeiro, ela viraria espuma do mar.

A curiosidade de Ponyo a leva a iniciar sua aventura, desrespeitando as normas do pai que proibiam a garota de fazer contato com os humanos. Para ele, todos dessa espécie eram considerados perigosos. Ao chegar à superfície do mar, ela segue em direção à praia e conseqüentemente encontra os “perigosos” humanos, aquela espécie sobre a qual seu pai havia lhe advertido. Porém, a peixinha acaba se encantando por eles, em especial Sōsuke, que desperta algo nela que alterará o rumo de sua vida para sempre.

Esse caráter inconformista, desobediente, que desrespeita regras e deseja seguir apenas suas próprias vontades, confere à personagem algo um pouco distante dos valores impregnados na



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

fundação da sociedade japonesa. Ao desrespeitar seu pai, Ponyo quebra o senso de hierarquia e também de coletividade, pois está pensando apenas em seus desejos individuais.

Conforme os estudos de Elisa Sasaki (2011), valores como harmonia, coletividade, hierarquia, respeito aos mais velhos e outros que ainda se encontram na sociedade japonesa, foram construídos no decorrer da história do país e incorporados pelos governantes ao longo do tempo. Em consonância com esse assunto, Eisenstadt (2010, p. 19), afirma que:

O cerne dessa concepção de identidade coletiva se cristalizou relativamente cedo, provavelmente no século VIII, advindo do encontro do Japão com outras sociedades e civilizações (budismo e confucionismo) – especialmente axiais – e suas premissas universalistas.

Desta forma, podemos compreender que a filosofia confucionista e a religião budista por tanto foram extremamente importantes para a criação da identidade coletiva japonesa, e noções de valores, principalmente em relação à coletividade.

Segundo os estudos de Sasaki (2011, p. 14), “Confúcio acreditava que a ordem social ideal deveria ser alcançada não pela execução da lei, mas pelo exemplo moral dos que tinham autoridade”. Desta forma, entendemos que a sociedade deveria se organizar em um sistema que implica certa obediência perante todos os integrantes, funcionando assim como algo coletivo.

Quando Ponyo desobedece a seu pai, é como se tivesse feito um ato imoral já que, segundo Sasaki (2011, p. 14), “a fonte da moralidade de cada indivíduo estava na piedade filial, o respeito e obediência de uma criança em relação aos seus pais, do subordinado ao seu superior, isto é, respeito e obediência à hierarquia”.

Perante o confucionismo e o budismo, o senso de hierarquia deve ser respeitado. O pai da personagem, por ser mais velho que ela e do sexo masculino, encontra-se acima dela na cadeia de obediência e, portanto, saberia o que é melhor para sua filha, mesmo que a vontade pessoal de Ponyo fosse contrária ao posicionamento dele.

Com a obra, especialmente com essa personagem, Miyazaki demonstra que, mesmo sendo criança, pode-se ser capaz de fazer escolhas, assumir riscos e entender as consequências. Desta forma, Ponyo quebra esse halo protetor entre pai e filha, ao tomar suas decisões sozinha.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O importante é viver em harmonia, em paz consigo mesmo e com as pessoas ao seu redor, mesmo que para isso você tenha que quebrar algumas regras. Apesar da pouca idade ou de parecer egoísta, sua atitude extrapolou para além do próprio benefício, pois com o laço que cria com Sōsuke, ela une duas espécies que antes se viam como inimigas: os animais marinhos e os seres humanos.

Yubaba

Envelhecer no Japão é um processo natural. Ser velho é sinônimo de sabedoria e conhecimento em todas as áreas. Uma pesquisa fora realizada em 2006 com o intuito de saber o que os japoneses entendiam como o “sucesso na velhice”. Quatro cidades japonesas foram entrevistadas, totalizando um número de 5.207 idosos entrevistados.

A pesquisa teve como resultado positivo do questionário para questões referentes a um âmbito coletivo em especial atenção com famílias, amigos e saúde:

Os itens importantes para os idosos japoneses foram: saúde até a morte, satisfação com a vida, hereditariedade, atenção dos amigos e familiares, ajustes às mudanças associadas ao envelhecimento, capacidade de autocuidado até próximo da morte e não ter doenças crônicas. (TEIXEIRA; NERI, 2008, p. 89).

Já os itens que foram rejeitados estavam todos associados a uma esfera individual, por exemplo: satisfação das necessidades próprias, não sentir solidão, sentir-se bem consigo mesmo, agir conforme valores próprios. Os valores culturais dos japoneses idosos portanto são referentes à valorização e à harmonia entre eles mesmos e o próximo, deixando de lado os valores pessoais propriamente ditos. A esse respeito, podemos inferir que a velhice modelo para os japoneses é tangida pela busca da iluminação pessoal considerando a harmonia e boa convivência com as pessoas ao seu redor. Olhando sempre para a esfera indivíduo – grupo, e não somente para quesitos pessoais, alcançando serenidade, tranquilidade e confiança para lidar com as questões que a vida lhes traz.

A personagem escolhida para demonstrar a quebra para com o que se espera de uma mulher idosa japonesa fora a personagem Yubaba antagonista principal do filme *A Viagem de Chihiro* (2001). Não se espera de uma senhora velha que ela seja mãe a essa altura da vida – devido à infertilidade da mulher⁶ –, nem que ela tome atitudes que visem apenas o próprio bem, consideradas

⁶ O climatério ou menopausa é conhecido como o encerramento da vida reprodutiva feminina é uma etapa marcante do



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

egoístas e gananciosas, nem que ela aparente ter alguma forma de insegurança, e a personagem rompe com todos esses aspectos.

Yubaba é dona da casa de banhos e coordena inúmeros funcionários; entretanto, não hesita em demonstrar seu poder. Sem dúvida ela é uma personagem sábia, como a maioria das personagens retratadas por Miyazaki, entretanto, sua sabedoria não é voltada para uma coletividade ou assuntos relacionados a uma harmonia em grupo, mas sim para um desejo individual, opondo-se, assim, ao que se espera de uma senhora japonesa de idade.

A personagem também não passa de maneira alguma a impressão de serenidade; ela se enfurece diversas vezes com as pessoas e chega até a cuspir fogo pela boca na narrativa. Além disso, não sabe lidar com seu filho. No que tange à sabedoria em relação à criação e educação de seu filho Boh, a personagem possui diversas falhas. Por incrível que pareça, ela, apesar de sua fama de “má” entre seus ajudantes, demonstra extremo apreço e amor pelo seu filho, mostrando-nos outra faceta de sua personalidade. O carinho é tão grande que, quando ele chora, ela faz todo o possível para que ele pare de chorar, dando para a criança presentes, guloseimas e o que tivesse ao seu alcance.

O diretor faz-nos refletir a respeito de uma “maneira outra” de ser velha. Assim, como Yubaba, uma senhora de idade poderia sentir-se insegura consigo mesma. Apesar de sábia, ela poderia não saber todas as respostas para as questões da vida tanto num âmbito pessoal quanto coletivo. Também poderia, às vezes, tomar atitudes egoístas ou visando apenas o próprio sucesso, que não seria considerada uma pessoa má por isso.

Com a obra, percebemos que não só existe um tipo de velhice, mas vários tipos. Devemos assim aprender como coexistir com as diferenças e não esperar um comportamento padronizado de uma senhora idosa, só porque é considerado norma.

Considerações finais

envelhecimento feminino caracterizada pela interrupção definitiva dos ciclos menstruais. Inicia-se entre 35 e 40 anos, estendendo-se até os 65 anos. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ramb/v52n5/a17v52n5.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2016.



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Ao retratar mães que tomam decisões ousadas, muitas vezes imprudentes, senhoras que não são serenas nem possuem sabedoria em todos os âmbitos da vida e uma garotinha de cinco anos que sabe muito bem o que quer para seu futuro, somos levados a pensar criticamente a respeito de assuntos concretizados na sociedade, principalmente no que tange justamente a memória construída em torno das mulheres japonesas. Em outras palavras por não seguirem um padrão fixo comportamental esperado pela sociedade nipônica, Miyazaki faz-nos observar o que não é comum, o estranho, requerendo do espectador uma reflexão maior para compreender tal aspecto inusitado e possibilita ponderar sobre mudanças.

Sua estética se distancia das restantes do mercado das animações, permite enxergar a potencialidade humana. Provoca novos pensamentos. Em meio a um circuito normativo e repetitivo da produção cultural, Miyazaki representa um desvio. Permite-nos pensar na possibilidade não só de aproveitarmos melhor a indústria do entretenimento, mas faz-nos refletir, através do seu conteúdo transgressor, que é possível transgredir e criar memórias, retratar minorias esquecidas e, principalmente, modificar princípios tomados como certos.

Referências

EISENSTADT, Shmuel. Modernidade japonesa: a primeira modernidade múltipla não ocidental. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 1, p. 11-54, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v53n1/02.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

GREINER, Christine. **Leituras do Corpo no Japão**. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HANE, Mikiso. **Peasants, rebels, women, and outcastes: the underside of modern Japan**. 2. ed. USA: Rowman & Littlefield publishers, inc., 1982.

_____. **Reflections on the way to gallows: rebel women in prewar Japan**. USA: University of California press, 1988.

HORTA, Lilia Nogueira Calcagno. **Mulheres e memórias em Miyazaki: o consumo da estética híbrida e transgressora do cinema de animação de Hayao Miyazaki**. Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo, São Paulo, 2017.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

NAPIER, Susan. **Anime from Akira to Princess Mononoke: Experiencing Contemporary Japanese Animation.** New York: Palgrave, 2001.

ODELL, Colin; LE BLANC, Michelle. **Studio Ghibli: The Films of Hayao Miyazaki and Isao Takahata.** Harpenden, UK: Kamera books, 2009, 2015.

SANTOS, Yumi. **Mulheres chefes de família entre a autonomia e a dependência: Um estudo comparativo entre Brasil, França e Japão.** 2008. 295 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18122008-104702/pt-br.php>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

SASAKI, Elisa. **Valores culturais e sociais nipônicos.** Trabalho apresentado no IV Encontro sobre Língua, Literatura e Cultura Japonesa, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.nipocultura.com.br/wp-content/uploads/2012/02/SASAKI-Elisa-Massae-Valores-culturais-e-sociais-niponicos-Rio-Kyooshikai-jul2011.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

SATO, Barbara. **The New Japanese Woman: Modernity, Media, and Woman in interwar Japan.** US: Duke University Press, 2003.

TEIXEIRA, Ilka; NERI, Anita. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 81-94, jan./mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psp/v19n1/v19n1a10.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2016.

Filmografia

A VIAGEM de Chihiro. Direção de Hayao Miyazaki. Japão: Studio Ghibli, 2001. 125 min.

PONYO: Uma Amizade Que Veio de Mar. Direção de Hayao Miyazaki. Japão: Studio Ghibli, 2008. 101 min.